

Vivências de travestis sobre a prostituição em um município do interior de Minas Gerais

Experiences of transvestites on prostitution in a countryside city of Minas Gerais

Júlio César Batista Santana¹
Bianca Santana Dutra²
Gabriel de Barros Salum³

¹ Doutor e Mestre em Bioética pelo Centro Universitário São Camilo /São Paulo. Professor do Curso de Graduação em Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Centro Universitário UNIFEMM. Coordenador dos Cursos de Especialização *Lato Sensu* do Instituto de Educação Continuada da PUC/ Minas.

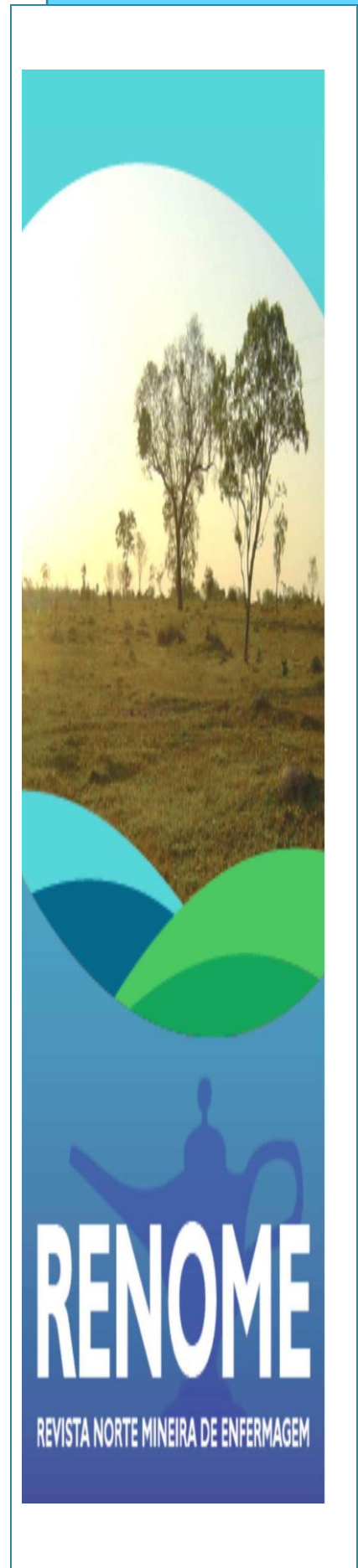
² Mestre pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; Enfermeira; Professora do Curso de Enfermagem da Faculdade Ciências da Vida e Coordenadora da Promoção da Saúde da Secretaria Municipal de Saúde de Sete Lagoas/MG.

³ Especialista em enfermagem do trabalho pelo Centro Universitário Internacional, UNINTER. Bacharel em Enfermagem pelo Centro Universitário de Sete Lagoas, UNIFEMM.

Autor para correspondência:

Júlio César Batista Santana
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde.
Departamento de Enfermagem.
Av. Dom José Gaspar, 500, Coração Eucarístico.
Belo Horizonte, MG, Brasil
CEP. 30535-901
E-mail: julio.santana@terra.com.br

Resumo: Fruto da orientação sexual e do pré-conceito social, muitos travestis são privados do acesso à educação, saúde e emprego, buscando na prostituição um meio de subsistência, que os expõe a riscos. Objetivou-se compreender o significado de ser um travesti e de conviver com a prostituição em um município do interior de Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com inspiração fenomenológica, realizada com 05 travestis que se prostituem na referida cidade.



Resultados: Após a análise, emergiram três categorias: Ser travesti: significados, motivos e experiências; Vivenciando a prostituição: drogas, violência, vulnerabilidade às DST/AIDS; Direitos dos travestis: necessidade de políticas públicas para essa população. Os travestis são marginalizados pela sociedade, inseridos em um cenário de vulnerabilidade social, caracterizado por violência, prostituição, uso de drogas lícitas e ilícitas, com riscos constantes à saúde desse grupo. Urge a criação e aplicação de políticas públicas e sociais voltadas à proteção da cidadania desse grupo.

Descritores: Homossexualidade masculina; Profissionais do sexo; Prostituição.

Abstract Introduction: As a result of their sexual options and the social pre-concept, many transvestites are deprived of access to education, health and employment, seeking in prostitution a way of subsistence. Goal: To understand the meaning of being a transvestite and dealing with prostitution in a city of the state of Minas Gerais. **Method:** This is a qualitative research, with phenomenological inspiration with the sampling consisting of 05 transvestites that are prostitutes in that city. Data were collected by applying the semi-structured interview. Results: After going through analysis, three categories were revealed: Being a transvestite: meanings, motives and experiences; Living as a prostitute: drugs, violence, vulnerability to STD/SIDA; Rights of transvestites: the need of public politics to that group. **Discussion:** transvestites are marginalized by the society, inserted in a social scenario of vulnerabilities characterized by violence, prostitution, use of legal and illegal drugs, with constant risks to the health of this group. **Conclusion:** the creation and implementation of public and social politics are urgent for the protection of the citizenship of this group.

Descriptors: Male Homosexuality; Sex Professionals; Prostitution.

Introdução

Na década de 60, a expressão “travesti” referia-se principalmente a transformistas que participavam de *shows* que se disseminaram pelo país. Na década de 70, a identidade travesti desenvolveu-se nas grandes cidades brasileiras e seu conceito se diferenciou do da década

anterior. Essa diferença está relacionada à entrada dos travestis no universo da prostituição e a consequente ocupação das ruas e avenidas das grandes cidades ⁽¹⁾.

Nesse sentido, buscou-se entender, ao longo dos anos seguintes, a homossexualidade, descobrindo-se que ela pode ser evidenciada de diferentes formas, de acordo com o padrão de conduta e/ou identidade sexual, dentre as quais se destaca o grupo dos transgêneros, no qual estão os travestis e transexuais, que são indivíduos fisiologicamente homens, mas se relacionam com o mundo como mulheres ⁽²⁾.

Apesar de a saúde ser direito de todos e dever do Estado desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, os grupos homossexuais, também chamados de grupos *queer*, enfrentam diversas dificuldades para acesso aos serviços de saúde e inserção na sociedade. A expressão *queer* significa esquisito, estranho, veado, bicha louca, entre outros termos depreciativos. No entanto, estudos mais recentes que discutem as questões de gênero e como o comportamento homossexual ultrapassa o gênero tradicionalmente estabelecido, o *queer* perdeu sua expressão preconceituosa e passou a habilitar travestis, *gays*, lésbicas, bissexuais, entre outros, como sujeitos de identidade mediante os mesmos processos que os indivíduos considerados normais ⁽³⁾.

No sentido das mudanças voltadas ao grupo populacional dos homossexuais, tem-se o ano de 2004 como marco em relação a políticas públicas de saúde, sendo que iniciativas governamentais voltadas à promoção da cidadania da população lésbica, *gay*, dos bissexuais, travestis (LGBT), e ao combate à homofobia, lançando o Programa Brasil sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT e de Promoção da Cidadania Homossexual ⁽⁴⁾.

Em 2008, uma versão de uma política nacional de saúde que contempla as especificidades de travestis, transexuais, lésbicas, *gays* e bissexuais começou a se materializar e, em 2010, a versão final foi divulgada, sendo a “Política Nacional de Saúde Integral de LGBT”. Essa política tem como marca o reconhecimento dos efeitos da discriminação e da exclusão do processo de saúde-doença da população LGBT, motivo pelo qual essa política tem, em suas diretrizes, a busca por mudanças nas determinações sociais da saúde, com vistas à redução das desigualdades relacionadas à saúde desses grupos sociais ^(4,5).

Apesar disso, situação vivenciada por muitos travestis é de pré-conceito, marginalizados pela orientação sexual, são impossibilitados de ter acesso a políticas públicas e à inclusão social, por meio da educação, do trabalho digno. São violentados moralmente e fisicamente pela

sociedade em seu cotidiano; em geral, são destituídos de esperanças de sobrevivências dignas e seguras. Diante disso, muitos procuram na prostituição uma maneira de sobrevivência, frente às dificuldades com que se deparam no seu cotidiano^(4,5).

A homofobia é manifesta de maneiras diversas e atua sobre aqueles que fogem à norma heterossexual - como lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais e todos aqueles que vivenciam relações afetivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo e que resistem às normativas de gênero estabelecidas para seu sexo biológico. Isso ocorre devido à organização hétero normativa da sociedade, que pressupõe que todos deveriam ser heterossexuais e portar-se nos âmbitos da masculinidade, no caso dos nascidos com o sexo biológico masculino, e da feminilidade, no caso dos nascidos com o sexo biológico feminino. Se algum indivíduo foge as normativas impostas, sofre algum tipo de estigma (doente, anormal, devasso, insano, pecador, estranho etc.), quando não é constrangido, coagido, excluído, humilhado e, sutil ou explicitamente, violentado, devido a sua diferença ⁽⁶⁾.

No convívio com os travestis, segundo estudos, verifica-se tratar-se de um grupo social estigmatizado e, portanto, pouco compreendido pelas pessoas em geral e pelos profissionais de saúde em particular, revelando que a discriminação homofóbica ainda atinge proporções significativas. Um dos maiores problemas reside na ausência de definição da natureza da violência contra a população de homossexuais quando notificada, bem como sua subnotificação. Essa situação impede a continuidade na produção de indicadores que possam auxiliar na definição e na construção de políticas públicas que venham a reverter o quadro de violência que atinge essa população. Sendo assim, por mais evidente que seja atualmente a existência de processos discriminatórios e de violência contra LGBT, pode-se supor que a magnitude de seu alcance e sua repercussão é ainda subestimada ^(7,8).

A sociedade incorpora a naturalização, embora trate dessas diferenças e preconceitos, favorecendo que se aflore, no senso comum, um grande preconceito, quando há referências aos profissionais do sexo. Neste contexto, percebem-se punições, rotulações desses profissionais pela sociedade⁽⁹⁾.

A partir disso, faz-se necessário reconhecer que os processos discriminatórios e de violência contra LGBTT culminam em agravos à sua saúde, tais como sofrimento psíquico, vulnerabilidade ao uso abusivo de álcool, cigarro e outras drogas que as consequências dos processos discriminatórios alcançam, afetando, assim, o próprio sistema de saúde. Esses problemas e vulnerabilidades são maiores quando os LGBT estão inseridos na prostituição⁽⁸⁾.

Frente ao exposto, há travestis, segundo estudos, que consideram a prostituição um “mal necessário”, visto como um trabalho rentável, que lhes provê as necessidades e de seus entes familiares, apesar dos riscos a que estão expostos. Porém, o sexo pago é também considerado em contextos sociais como uma transgressão, por romper dimensões do que é socialmente estabelecido como “digno”, fazendo desses profissionais alvos de preconceitos⁽⁹⁾.

Nesse contexto social, é possível salientar que a prostituição tornou-se, por motivos históricos, um elemento definidor da identidade dos travestis. Considera-se que essa identidade ultrapassou o campo das analogias sexuais ou de gênero, tornando-se também uma identidade profissional. É evidente que não se pode agregar a associação entre travestis e prostituição, mas, ao mesmo tempo não se deve deixar de considerar que a ocupação desse campo de trabalho pelos travestis acabou por ter consequências importantes sobre sua constituição identitária⁽¹⁾.

Em síntese, mesmo considerando que nenhuma identidade sexual seja definitivamente cristalizada, o homossexual tenta, de maneira revolucionária, impor sua singularidade e, assim sendo, consciente ou inconsciente, reivindica e/ou legitima o direito social de ser diferente da maioria, sem subterfúgio, independentemente de quaisquer convenções e expectativas⁽¹⁰⁾.

Face ao exposto, considera-se relevante a realização do presente estudo, pois torna-se necessário o desenvolvimento de conceitos e saberes práticos, teóricos e aprofundamentos que possam contribuir para a construção e aceitação da identidade dos travestis, demonstrando a presença de discriminação e exclusão deles na sociedade. O estudo das vivências desse grupo social pode contribuir para compreensão de singularidades desse grupo, reconhecimento deles como cidadãos de direito, principalmente no que se refere aos serviços de saúde e à necessidade de combate à homofobia. Sendo assim, questiona-se *como os travestis vivenciam e se sentem em relação à prostituição?*

Diante desse questionamento, objetiva-se compreender o significado de ser um travesti e de conviver com a prostituição em um município do interior de Minas Gerais.

Metodologia

Para o cumprimento do objetivo proposto, este estudo tomou o caminho fenomenológico da pesquisa, no intuito de resgatar as vivências de travestis relacionados à prostituição. A pesquisa fenomenológica não trata necessariamente de verificação, mas, sim, de construir uma

compreensão acerca do tema. É, portanto, o estudo daquilo que foi vivenciado, da experiência imediata, para descrição de seu significado, utilizando-se do vivido como pista ou método de pesquisa. O vivido pode ser entendido como aquilo que nos acontece, antes mesmo de qualquer reflexão ou elaboração de conceitos, de modo que, a partir de nossas reações, é que se chega ao significado do fenômeno ⁽¹¹⁾.

Assim, para que fosse possível acessar o vivido, neste estudo, recorreu-se a entrevistas com roteiro semiestruturado com os sujeitos participantes, acerca de sua experiência em ser travesti e estar inserido na prostituição.

O roteiro de entrevista utilizado foi: *Qual é o significado, para você, de ser um travesti? O que o levou a ser um travesti? O que significa para você conviver com a realização de programas? Você já vivenciou alguma situação de preconceito, violência ou abuso? Há algo mais que queira falar?*

Os participantes da pesquisa foram travestis que trabalham em uma avenida da cidade onde aconteceu o estudo, conhecida como “avenida perimetral”. A região foi escolhida por ser conhecida como um “ponto” de travestis profissionais do sexo. Como critérios de inclusão, foram considerados, ter a partir de 18 anos, ser travesti e ter a prostituição como profissão. Assim, eles foram convidados por meio de um contato prévio, a participar de uma pesquisa sobre a saúde desse grupo. Foram convidados 19 travestis, escolhidos aleatoriamente. Houve imediata recusa de 8 travestis em participar desta pesquisa, restando uma amostra de 11 travestis.

Esses 11 travestis foram cadastrados em uma ficha de identificação (iniciais do nome, idade, tempo de vivência como travesti na realização de programas). Foi coletado também o número do telefone deles, para posterior contato para agendamento da entrevista, em lugar reservado, da escolha do participante. Após o agendamento das entrevistas, foi-lhes apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que constava o objetivo da pesquisa, sua finalidade, e seis manifestaram interesse em não participar. Por esse motivo, restou uma amostra de cinco travestis que participaram da pesquisa, e esse número foi mantido, porque, à análise das entrevistas, foi possível atingir uma saturação dos resultados. Os sujeitos foram identificados como S1, S2, S3, S4 e S5.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital São Francisco de Assis, sob o CI-CEP 1510, Belo Horizonte, respeitando as diretrizes das pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução 466/12⁽¹²⁾.

Assim, as entrevistas aconteceram nos meses de janeiro a abril de 2013. Foram gravadas, sem estabelecimento de tempo para sua duração, transcritas na íntegra e, posteriormente, analisadas segundo a proposta de Bardin. Com isso, foi possível encontrar significados nas falas, agrupando-os em categorias empíricas, que expressam a vivência dos travestis com a prostituição, contextualizando-as, interpretando e inferindo por meio do resgate ao referencial bibliográfico, e trabalhando com um universo de significados do fenômeno.

Resultado

Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Participaram do estudo 5 travestis, na faixa etária de 24 a 35 anos de idade, que se prostituem, em média, há 8 anos, todos sem residir com familiares. Dessa amostra, 4 sobrevivem unicamente com a prostituição, e apenas 1 tem outra fonte de renda como cabelereiro. Os programas sexuais são realizados sempre em período noturno, nas ruas do município de Sete Lagoas, interior de Minas Gerais.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e, pela análise, emergiram 3 categorias empíricas, abaixo descritas.

Ser travesti: significados, motivos e experiências

Percebe-se que o desejo de ser travesti manifesta-se na infância, em brincadeiras e uso de roupas femininas. Os participantes relataram desajustes na infância, na criação e no convívio com outros travestis, como fator de manifestação do desejo de ser travesti, conforme relatos:

Lembro que desde criança, já tinha trejeitos de menina, gostava de usar roupas curtas, de brincadeiras mais femininas, meus pais não gostavam do meu jeito, brigamos muito por isso, mas mesmo assim eu queria assumir meu lado feminino, sabe... vem de dentro, nascemos assim mesmo... (S1)

[...] senti vontade de ser menina desde pequena, minha criação foi bastante tumultuada, não tinha apoios dos meus pais, minha mãe ficava na

rua bebendo e meu pai também... fui embora de casa cedo mesmo e fui morar com uns caras aí... logo depois deixei meus cabelos crescer... coloquei silicone e me tornei traveco mesmo... (S2).

[...] acho que sou travesti porque já nasci com este jeito de mulher, desde pequena tinha um jeito mais feminino... gostava de brincar de boneca, de ser a mocinha com os colegas né... (S3)

A principal experiência relatada pelas travestis nas entrevistas foi a prostituição e o fato de ela ser meio de vida, de sustento para ter o necessário para viver. Relataram diversas dificuldades relacionadas à prostituição, entre elas abusos, mesmo quando menores de 18 anos, e a mudança do corpo para parecerem mulheres. Citaram rejeições, humilhações, violências, conforme relatos:

[...] acho que com uns vinte anos já estava fazendo programa... pois precisa manter a casa, comer, as roupas ... né... mas é o nosso trabalho... é muito duro aqui... as pessoas acham que é só vender o corpo... mas não é isso não... vida de traveco moço... não é igual a vida de madame... temos que sujeitar a tudo... somos abusadas, humilhadas... para termos um pouco para viver... (S2)

[...] tinha alguns caras mais velhos que abusaram de mim... aí deu no que deu ... hoje sou esta traveco, maravilhosa com nome de Bebel... é... me prostituo e... pra viver... (S5).

[...] bem, ser travesti não é fácil... no início foi muito difícil e ainda é... meu corpo mudou muito, coloquei silicone nos peitos, na bunda, deixei o cabelo crescer , depilei o corpo para ficar gostosa e com o jeito de mulher... acho que não consigo me ver como homem... mas não é fácil... somos muito humilhadas né quem sabe um dia acho um homem e caso, ou faço a cirurgia de mudança de sexo... (S3).

Outra experiência marcante que emergiu nos relatos dos sujeitos foi o preconceito e a discriminação social, desde os familiares diretos (pais) até nos mais variados segmentos sociais,

sendo a maior expressão a dificuldade para conseguir um emprego, constituindo um fator determinante para a inserção na prostituição, conforme relatos:

[...] as pessoas rejeitam nossa classe, somos vistas como pessoas doentes, prostitutas [...] (S4).

[...] já fui muito discriminada por minha família, meus irmãos já me agrediram, quando estudava já fui motivo de brincadeiras com meu nome, me chamavam de bichinha, de viadinho, tudo que possa imaginar... tive muita dificuldade de permanecer na escola e de conseguir emprego... as pessoas veem o travesti como algo absurdo, que não vale nada, às vezes como lixo... (S3).

[...] mas porque estou aqui... não sei... mas é difícil abrir as portas de trabalho para conseguir emprego, as portas fecham, somos rejeitadas, motivo de críticas Então você tem que cair na vida sim... tem que vir para rua ... para fazer programa sim e ter dinheiro, mesmo com risco... (S2).

[...] perante o povo, somos rejeitadas, não consigo empregos como as mulheres conseguem... aí temos que ir para as ruas, para fazer programa, dar o corpo, fazer um programa completo ou apenas uma coisa básica e ganharmos dinheiro para sobreviver... (S1).

[...] talvez se tivesse um emprego mais digno, não estaria aqui... mas as pessoas não abre as portas para as bichas daqui... então temos que dar o corpo para sobreviver... (S2).

Vivenciando a prostituição: drogas, violência, vulnerabilidade às DST/AIDS

O ambiente referido pelas travestis para venda do sexo são as ruas da cidade, em horário noturno. Citam que a prostituição é marcada pela violência, drogas lícitas e ilícitas, além do fato de muitas terem sido violentadas verbalmente e fisicamente, comprometendo sua qualidade de vida e a própria saúde, conforme relatos:

[...] tem colegas minhas que já foram espancadas, algumas mortas... acho que tinha as drogas envolvidas na parada, mas para sobreviver temos que encarar este mundo de putaria que é aqui [...] (S5).

[...] você nem imagina o que acontece aqui... já passei por agressões físicas, já tive cliente que não pagou o programa... somos muitos perdidas aqui... sujeitas a tudo, a ser mortas, agredidas, tem muitas aqui envolvida em drogas [...] (S2).

[...] mas já estou aqui há anos... já vi de tudo aqui... muita droga, muita sacanagem... vi traveco sendo violentadas e espancadas... é uma profissão difícil... as pessoas não respeitam o nosso trabalho... hoje sou mais velha, já sou mais escolada... e não entro em fria não... sabe né [...] (S1).

Apesar de os riscos da prostituição serem reconhecidos pelos travestis, eles apresentam o sexo pago como meio de vida, para suprir financeiramente as necessidades de alimentação, moradia, vestuário, necessidades em geral, sujeitando-se a todos os tipos de clientes, como demonstram os relatos abaixo:

[...] temos que sujeitar diversas coisas aqui... é um local pesado ... sabe né... tem droga... bebida... cigarro... dá muito caminhoneiro.... muito moleque... mas temos que fazer dinheiro né... não sei se ficarei muito tempo... mas tenho que comprar minha casa... minha mãe não irá me aceitar voltar assim... como mulher....é difícil para ela sabe né [...] (S4)

[...] mas é o nosso trabalho... aparece de tudo aqui... homem velho, novo... casal ... é um mundo do sexo mesmo... sabe as pessoas gostam de uma sacanagem... talvez não encontram em casa e vem buscar aqui... tem hora que somos até psicólogo sabe... tem pessoas que falam de tudo da vida para a gente... mas não envolvo não... só faço o programa e tchau... mas quem sabe encontro alguém que me entende... o príncipe encantado... (S2)

Os sujeitos da pesquisa também evidenciaram que na prostituição vivenciam a multiplicidade de parceiros e a não utilização do preservativo em todos os programas. Apesar das campanhas preventivas e de medidas de segurança com uso do preservativo para a prática de sexo seguro, percebe-se a vulnerabilidade dos travestis e dos parceiros em contrair DST's/AIDS, risco evidenciado nos relatos:

[...] tenho medo de pegar a AIDS, não é... tem homem que quer sem camisinha mesmo não é... já transei sim sem proteção... mas não é sempre não [...] (S2)

[...] temos clientes de todos os tipos... muitos usam camisinhas... sempre uso... mas tem vezes que não uso ou a camisinha estourou... é mais ou menos isso... este mundo é muito sacana... tem homens que trepam aqui sempre e são casados...mas tenho medo da AIDS... muito medo... mas estou gostosa... estou pensando em fazer o exame... estava com uns sintomas esquisitos ... mas já passou.... Tenho que sobreviver [...] (S3)

[...] tenho medo sim... já fui agredida sexualmente e... Tenho medo de me agredirem de novo, de pegar doença... a AIDS né... (S4)

[...] sabe né tem muito vagabundo ai querendo transar sem pagar, transar sem camisinha... isso não faço não ... já fiz sem camisinha sim.... Mas com a AIDS, esta doença que acaba com a gente né... temos que proteger para não contaminar... sabe né... já fiz o exame e estou limpinha... só Deus sabe até quando...pode ser que a camisinha pode estourar, nunca se sabe [...] (S1)

[...] só transo de camisinha quando tem penetração... tem coisa né que faço sem camisinha... mas tenho medo... mas o cliente pede né...a AIDS tá aí... mas estou gostosa né...não quero pensar nisso agora [...] (S5).

Direitos dos travestis: necessidade de políticas públicas para essa população

Os relatos dos sujeitos evidenciaram as situações de violência que experimentam por serem travestis e por estarem inseridos na prostituição, de modo que clamam, em seus relatos, pelo reconhecimento por parte do poder público e da sociedade para serem vistos como pessoas normais, sem discriminação, como cidadãos de direitos. Isso está evidente nos relatos:

[...] os políticos tinham preocupar mais com os travestis, deveríamos ter mais a apoio sim... que sabe uma associação ... hoje aqui na Equador tem muitos travecos... umas novinhas... Cada dia aumenta... aumenta também a violência, as drogas , a AIDS ... é tudo muito agitado ... muito confuso... mas temos que comer, pagar as contar, manter o corpo de traveco... precisamos de apoio sim de associações [...] (S1)

[...] temos os nosso direitos de pessoa... de gente... não somos vadias como vocês acham não é mesmo... já fui muita humilhada aqui na rua ... em casa ... as pessoas acham a gente como doentes... prostitutas vadias... mas já melhorou um pouco... precisamos de mais apoio dos políticos... isto aqui é uma profissão sim... profissão do sexo [...] (S5)

[...] não temos direitos perante a sociedade... somos vistas como vagabundas, prostitutas... mas temos direitos enquanto pessoas... os políticos precisam olhar para os travestis... hoje com a parada gay, é um movimento que luta pelos direitos dos travecos [...] (S4)

Discussão

Frente aos resultados apresentados, verifica-se que a homossexualidade transcende os padrões de gênero tradicionalmente estabelecidos por critério biológico. Além disso, fogem dos padrões sociais, descortinando-se um futuro difícil, marcado pelo preconceito, marginalização social, conflitos íntimos e entre familiares. Assumir-se homossexual e, pelos resultados desse estudo, reconhecer-se travesti, parece ser um exílio do lar, da família. Nesse sentido, as pessoas

homossexuais não se enquadram nas normativas do gênero e da sexualidade heterossexual, motivo pelo qual, em algum momento de suas vidas, serão alvos de violência moral ou física ⁽⁶⁾.

Como apresentado pelo sujeitos, as manifestações homossexuais iniciaram na infância e desde esse período sofrem represálias, que se iniciam na própria família e tornam-se mais intensas na sociedade. Mesmo conscientes dos riscos, dos sofrimentos morais a que são expostos, os sujeitos revelaram o desejo de relacionarem-se como mulheres com o mundo, provocando mudanças no corpo, aplicação de silicone, ingestão de hormônios, para que o corpo masculino se torne feminino e adquiram o reconhecimento como travestis ⁽¹³⁾.

Além disso, os relatos dos sujeitos mostram como ser travesti é, para eles associado ao glamour e à exuberância, a sinônimo de beleza e poder, mesmo que essa seja considerada uma experiência alojada nas esferas mais baixas da hierarquia social, pautada em conflitos, preconceitos e outras violências ⁽¹³⁾.

Nas vivências desses sujeitos, percebe-se que desde a infância são alvos de discriminação e, quando sofrem o desamparo familiar e social, buscam na prostituição a sobrevivência, ampliando a carga discriminatória relacionada a esse grupo populacional ⁽¹⁾.

Com isso acabam tornando-se vítimas de violência homofóbica, sendo que, segundo estudo realizado no município do Rio de Janeiro, diferentemente dos travestis, os *gays* tendem a ser vitimados em casa, por meio de arma branca, asfixia ou objeto contundente. Os assassinatos de travestis, por sua vez, têm lugar mais frequentemente na rua, por arma de fogo. A homofobia é manifesta de diferentes formas e atua sobre aqueles que fogem à norma heterossexual; e isso ocorre porque a sociedade pressupõe que todos deveriam ser heterossexuais e portar-se nos âmbitos da masculinidade, no caso dos nascidos com sexo biológico masculino, e da feminilidade, no caso dos nascidos com o sexo biológico feminino ^(14,6).

A discriminação vivenciada pelos travestis vai refletir nos serviços de saúde, uma vez que se mostram resistentes a buscar os serviços. As equipes de saúde enfrentam enormes dificuldades de aceitação, talvez devido à maneira preconceituosa como geralmente são tratados nos serviços de saúde que eventualmente frequentam, talvez como reação à exclusão social que sofrem ⁽⁷⁾.

O desamparo familiar e social, somado à discriminação sofrida pelos travestis, muitas vezes levam à busca pela prostituição como única maneira de sobrevivência. A homofobia e a exclusão social se fazem presentes em suas vidas diariamente e, com isso, pode ocorrer um isolamento ou resistência em buscar serviços de saúde.

De acordo com as diversas literaturas existentes sobre travestismo e prostituição, sabe-se que os travestis fazem parte de grupos de risco, que são violentados e estão expostos nas ruas. E sabe-se também que a prostituição é umas das poucas saídas diante da exclusão no mercado de trabalho e do preconceito que, tem início ainda na escola ⁽¹³⁾.

O envolvimento na prostituição, que coloca os travestis numa posição de maior exposição pública, bem como às práticas homofóbicas, torna vulneráveis aos crimes de execução, que muitas vezes são alvos de indiferença policial devido à representação negativa que esse grupo exerce para a sociedade ⁽¹⁵⁾.

A violência dos clientes, segundo relatos, é bem mais temida que a policial, em virtude de ser muitas vezes mortal. Quando percebem que o cliente é potencialmente agressivo, os travestis evitam frequentar o mesmo ponto de prostituição durante certo período, tornando necessária, muitas vezes a mudança para outra cidade ⁽¹⁾.

A prostituição tornou-se um elemento definidor da identidade dos travestis, que se deu devido à atividade em comum, da contiguidade espacial, da convivência com prostitutas mulheres e do desejo de atrair sexualmente os homens, evidenciando sua própria feminilidade, sendo um dos únicos contextos em que o travesti desenvolve a autoestima, podendo ser elogiado, reconhecido, “cantado” e, ao mesmo tempo, ganhar dinheiro ⁽¹⁾.

Pelos resultados deste estudo, verifica-se que os travestis são marginalizados pela sociedade, envolvidos em um cenário cercado pela violência, prostituição, uso de drogas lícitas e ilícitas, colocando-os em situações de vulnerabilidade, com riscos constantes de sua integridade física, mental e social.

Além disso, é evidente que, na prostituição, os travestis estão expostos à multiplicidade de parceiros e relatam não utilizarem preservativo em todos os programas sexuais desenvolvidos. Todos revelaram ter medo da AIDS e constantemente realizar testes de HIV. Um estudo realizado acerca dessa temática identificou que os travestis estão entre a parcela da população brasileira que mais realiza testes de HIV e que também estão entre os grupos de maiores contaminações com o vírus HIV e outras DST's ⁽¹⁶⁾.

Outro estudo analisou a autopercepção do comportamento sexual de risco e uso do preservativo na população de travestis e outros homossexuais, identificando-se basicamente três riscos: não fazer o uso de preservativo em todas as relações sexuais; o início precoce da vida sexual; e a múltipla parceria sexual, que aliado ao fato de haver uso descontinuado de

preservativo, torna-os extremamente vulneráveis ao HIV e às DST's. Esses fatores foram identificados no presente estudo⁽¹⁷⁾.

No que tange às violências sofridas, em 2004 o governo federal lançou o Programa Brasil sem Homofobia, com o intuito de formular políticas e programas específicos na intenção de melhorar a situação de vida da população GLBT. Criou-se o Comitê Técnico de Saúde da População GLBT, que constitui um espaço para articulação, debate e ausculta de demandas de representações do movimento social, envolvendo todas as áreas atinentes do Ministério da Saúde, com o objetivo de promover a inserção das especificidades de saúde dessa população nas políticas e ações do SUS. Muitos avanços foram observados em virtude desse Comitê, como, por exemplo, a realização do Seminário Nacional de Saúde da População GLBT na Construção do SUS, em 2007, quando foram avaliadas as iniciativas adotadas, como a inclusão de demandas das lésbicas nas políticas de saúde da mulher⁽¹⁸⁾.

No que se refere à saúde do grupo LGBT, as primeiras transformações na atenção à saúde desse grupo deram-se com a publicação da Carta dos Direitos dos Usuários do SUS e preconizava o atendimento integral em saúde, livre de discriminação por orientação sexual e por identidade de gênero. Além disso, em 2007 destaca-se o programa lançado pelo Ministério da Saúde para enfrentamento do HIV/AIDS e, posteriormente a Política de Saúde Integral LGBT. Apesar disso, ainda são grandes as dificuldades e desafios enfrentados por essa população na sociedade em geral, devido à constante discriminação, tanto nos serviços de saúde, quanto em outros círculos sociais⁽⁴⁾.

Os travestis, no que tange à saúde, reconhecem a importância do uso do preservativo. Sendo o método mais eficiente para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, o preservativo ainda apresenta baixas taxas de utilização, talvez por estar relacionado, historicamente, com prostituição, práticas promíscuas e relações extraconjugais, havendo, assim, a rejeição do uso por alguns parceiros⁽¹⁹⁾.

É válido salientar que os processos de estigma e discriminação vêm comprometendo o exercício da cidadania do grupo LGBT, pois acarretam problemas a sua saúde, como sofrimento psíquico, vulnerabilidade ao uso abusivo de álcool, cigarro e outras drogas, e que o preconceito de profissionais sobre as práticas sexuais e sociais desse grupo resulta em uma desqualificação da atenção dispensada a essa população⁽⁸⁾.

As condições de saúde dos travestis são precárias, muitas vezes devido à falta de acesso aos serviços e da qualidade da atenção voltada para essa população, que deve ser compreendida a

partir da perspectiva de suas vulnerabilidades Percebe-se a necessidade de políticas públicas voltadas para o grupo LGBT, além de movimentos sociais que visem à melhoria da qualidade de vida desse grupo, com vistas à abertura de espaços para novas opções de trabalho, direitos de cidadania, amparo social e sua inserção, de forma, digna na sociedade.

Cabe destacar que o presente estudo se limitou a uma amostra de cinco travestis que realizam programas sexuais em troca de dinheiro para sobreviver, em uma avenida, de uma cidade do interior de Minas Gerais. No entanto, trouxe implicações positivas, como a possibilidade de discutir, de maneira reflexiva, aspectos relacionados à saúde dos grupos LGBT. É preciso enfatizar que a saúde dos travestis não se resume à prevenção do HIV/AIDS e outras DST's, sendo importante uma abordagem integral desses sujeitos, reconhecendo-lhes as necessidades, principalmente de serem reconhecidos como sujeitos de direito à saúde e outros direitos fundamentais garantidos pela Constituição Federal, como premissa para melhoria da qualidade de vida deles.

Considerações finais

Este estudo possibilitou verificar que o fenômeno de ser travesti é marcado historicamente pelo preconceito, discriminação e violência, que se inicia na infância, quando as primeiras manifestações das características de feminilidade surgem. Nos casos dos sujeitos deste estudo, todos tiveram nos familiares os agentes de repressão e violência.

À medida que se desenvolvem, buscam ter características femininas alcançadas pelo uso indiscriminado de hormônios femininos, silicone adquirido de forma ilegal, intermediados por outros travestis, sem orientação de profissionais da saúde, elementos que lhes expõem a saúde a risco.

Somando-se a isso, a vivência do fenômeno de ser travesti está marcada pelo fenômeno da prostituição, pois, pelo preconceito social, não conseguem oportunidades de emprego, recorrendo ao sexo pago como meio de vida, ampliando as vulnerabilidades desse grupo, que perpassam pela violência física, moral, sexual, pelas drogas lícitas e ilícitas e, especialmente, pelo risco de contrair e transmitir HIV/AIDS e outras DST's.

No que tange ao HIV/AIDS, verifica-se que os travestis reconhecem no uso do preservativo o principal meio de prevenção, no entanto, em diversos programas sexuais, relatam não utilizar, ou utilizar em parte, o que os leva a constantemente realizar exames de teste de HIV. Essa

situação evidencia uma falha na atenção à saúde voltada para esse grupo, que deve atender aos princípios de equidade e integralidade.

Além disso, apesar de existirem políticas públicas de saúde e de cidadania voltadas para os travestis, reconhece-se, aqui, que existem diversas barreiras e dificultadores a sua real implementação, pois o preconceito ainda permanece evidente na cultura. Urge que os profissionais de saúde atendam a esse grupo de forma mais humanizada e integral, enfatizando a prevenção das DSTs, uma vez que a prostituição é para elas um meio de sobrevivência financeira.

Destaca-se a necessidade de uma mudança sócio-cultural relacionada ao grupo LGBT, de modo que seus integrantes sejam reconhecidos como sujeitos de direito e tenham as mesmas oportunidades que aqueles considerados “normais” de ter um emprego, escolaridade, saúde, cidadania.

Este estudo abre espaços para novas discussões sobre o cenário vivenciado pelos travestis que convivem em seu cotidiano com a prostituição e a violência. É necessário discutir sobre a discriminação dos travestis, propiciar a integração desse grupo no convívio social de forma digna, novas aberturas de campo de trabalho e propor ações educativas que promovam a minimização dos riscos vivenciados por esse grupo.

Por fim, percebe-se uma escassez de pesquisas que abordam o assunto, o que dificulta conhecer a real situação de saúde desse grupo, sendo importante motivar maiores estudos científicos sobre o tema, bem como maiores abordagens acerca da saúde LGBT tanto em meio acadêmico, como nos espaços de saúde.

Referências

1. Garcia MRV. Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda. Cad. psicol. soc. Trab. 2008; 11(2):241-56.
2. Dessunti EM, Soubhia Z, Alves E, Ross C, Silva EB. Convivendo com a diversidade sexual: relato de experiência. Rev. Bras. Enf. 2008; 61(3):385-89.
3. Bento B. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. Ciência & Saúde Coletiva. 2012; 17(10):2655-2664.

4. Mello L, Perilo M, Braz CA, Pedrosa C. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. *Sex. Salud. Soc.* 2011; (9):7-28.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília, 2013.
6. Toledo LG, Pinafi T. A clínica psicológica e o público LGBT. *Psicol. clin.* 2012; 24(1):137-63.
7. Romano VF. As travestis no programa saúde da família da Lapa. *Saúde Soc.* 2008; 17(2):211-19.
8. Lionço T. Que direitos à saúde para a população GLBT? Considerando direitos humanos, sexuais e reprodutivos em busca da integralidade e da equidade. *Saúde Soc.* 2008; 17(2):11-21.
9. Munhoz CJM, Cano MAT, Soler ZASG, Moscardini AC. Opinião das mulheres sobre sua vida relacionada com a prostituição. *UFPE OnLine.* 2009; 3(3):120-130.
10. SILVA, V.G. A visibilidade do suposto passivo: uma atitude revolucionária do homossexual masculino. *Rev. Mal-Estar e subjetividade.* 2007; 7(1):71-88.
11. CambuyK, AmatuZZi MM. Experiências comunitárias: repensando a clínica psicológica do SUS. *Psicol. Soc.* 2012; 24(3):674-83.
12. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº466 de 12 de Dezembro de 2012: Aprova as normas e diretrizes de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.
13. Nogueira FJS, Leon AG. "Trabalhadas no feminino": um estudo sobre corpo, desejo e prostituição travesti em Fortaleza-CE. *Rev. Latin-am. Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad.* 2012; 8(4): 55-67.
14. Carrara S, Vianna ARB. "Tá lá o corpo estendido no chão...": a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. *Physis.* 2006; 16(2):233-249.

15. Ramos S, Carrara S. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis*. 2006; 16(2):185-205.
16. Sousa PJ, Ferreira LOC, Sá JB. Estudo descritivo da homofobia e vulnerabilidade ao HIV/AIDS das travestis da região Metropolitana do Recife, Brasil. *Ciê. Saúde Coletiva*. 2013; 18(8):2239-51.
17. Andrade SMO, Tamaki EM, Vinha JM, Pompilio MA, Prieto CW, Barros LM, et al. Vulnerabilidade de homens que fazem sexo com homens no contexto da AIDS. *Cad. Saúde Pública*. 2007; 23(2):479-482.
18. Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Apoio à Gestão Participativa, Secretaria de gestão Estratégica e Participativa. Saúde da população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. *Rev. Saúde Pública*. 2008;42(3):570-3.
19. Moura ADA, Lima GG, Farias LM, Feitoza AR, Barroso MGT. Prostituição x DST/AIDS: um estudo descritivo com perspectiva de práticas de prevenção. *J Bras. Doenças Sex. Transm.* 2009; 21(3):143-148.